



(Getty Images)

Grande número de blindados russos entrando na Geórgia durante o conflito de 2008, como parte da força que desferiu um golpe devastador à ambição do país de restabelecer o controle sobre o território separatista.

# Como Definir uma Nova Arquitetura de Segurança para a Europa que Tira a Rússia do Isolamento

John Mearsheimer, PhD

*Nota do Editor: Este artigo é adaptado de uma palestra proferida durante uma jornada de debates, em 2 de março de 2015, no Press Club, em Bruxelas, Bélgica<sup>1</sup>.*

O assunto sobre o qual fui solicitado a falar é como criar uma nova arquitetura de segurança na Europa que tira a Rússia do isolamento e promove a paz na região.

Penso que o melhor que podemos esperar neste ponto é retornar ao status quo anterior, e com isso me refiro à situação que existia aqui na Europa antes de 2008. Penso que não há esperança de criar uma arquitetura de segurança radicalmente nova. E, até mesmo penso que vai ser extremamente difícil retornar à situação pré-2008 na Europa. Creio que a melhor maneira de entender as opções que encaramos é começar com uma discussão do histórico dos últimos 25 anos, os quais podem ser divididos aproximadamente em dois períodos. O primeiro entre 1990 a 2008, e o segundo de 2008 até o presente. Acredito

que o primeiro foi realmente o período dourado. A Europa estava notavelmente pacífica — é claro, com exceção do que ocorreu nos Bálcãs. No entanto, praticamente não havia possibilidade de um conflito entre a Rússia e o Ocidente durante esses anos. Parece que tudo estava indo muito bem na área de segurança na Europa durante esse tempo, que levanta a questão óbvia: Por que era assim? Há duas razões.

Primeiro, a OTAN permaneceu intacta, o que significava que os norte-americanos continuariam a ser comprometidos militarmente com a Europa, permitindo que servissem como o pacificador na região. Os Estados Unidos eram, na prática, o juiz final e a

autoridade superior que mantinha a ordem. A sua presença militar na Europa fazia com que fosse quase impossível para quaisquer dos Estados, que estivessem sob a sua alçada de segurança, lutarem uns contra os outros. Essa é a razão principal por que nenhum líder europeu, desde o final da Guerra Fria, pediu para que os norte-americanos se retirassem. E está é, também, a razão principal pela qual os russos estavam completa-



(Maxim Shemetov, Reuters)

Militares russos marcham durante comemorações marcando o Dia da Vitória no porto de Sevastopol, na Crimeia, 9 Mai 14. Tropas russas invadiram a Crimeia em fevereiro de 2014, e o território foi anexado oficialmente pela Rússia em 18 Mar 14.

mente satisfeitos em deixar os Estados Unidos permanecerem na Europa Ocidental depois da sua retirada, no final da Guerra Fria.

Então, o pacificador americano era uma parte importante da narrativa. A segunda parte do histórico é que o Ocidente — e aqui estamos falando principalmente sobre a OTAN — não ameaçou os russos de forma significativa. Não há dúvida que os russos estavam contra a expansão da OTAN. Os russos se opuseram a primeira expansão, em 1999, bem como a segunda, em 2004, mas não consideravam esses avanços iniciais para a leste como uma ameaça mortal. Então, entre 1990 e 2008, tudo estava bem na Europa. Mais uma



vez, isso foi devido ao pacificador americano e porque o Ocidente não era uma ameaça séria para a Rússia.

Contudo, essa situação começou a mudar em 2008, que foi um ano decisivo. Primeiramente, houve uma conferência de cúpula da OTAN em Bucareste, em abril de 2008. No final dessa reunião, a OTAN declarou de forma inequívoca que tanto a Geórgia quanto a Ucrânia se tornariam parte da organização. Os russos,

se entrassem em uma crise ou em um conflito com os russos. Obviamente, estavam errados. Apesar disso, no entanto, esse era o primeiro grande exemplo de evidência que haveria problemas no futuro do Leste Europeu.

Barack Obama, como sabem, foi eleito em novembro de 2008. Assumiu a posição com a meta em mente de reestabelecer relações entre a Rússia e os Estados Unidos. Ele fracassou. E, a razão que isso ocorreu é

que o Ocidente, com os norte-americanos na vanguarda, continuou a compelir a política que recomendou que a Ucrânia fosse removida da órbita da Rússia e considerada parte do Oeste. A expansão da UE era uma das estratégias-chave que sustentava essa política. A expansão da OTAN e a promoção da democracia eram as outras duas estratégias subjacentes. A promoção da democracia, em princípio, é uma ideia atraente para praticamente todos nós no Ocidente. Contudo, o fato é que a promoção da democracia nas mãos dos Estados Unidos é, principalmente, um assunto relacionado à queda de líderes que são vistos como antiamericanos ou antiocidentais,



(Cornelia Smet, Comissão Europeia - Serviço Audiovisual Service, UE, 2011)

O Chefe da Comissão Europeia Jose Manuel Barroso e o Presidente do Conselho da União Europeia (UE) Herman Van Rompuy se reúnem com o Presidente ucraniano Viktor Yanukovich em Kiev, Ucrânia, 19 Dez 11. A UE e a Ucrânia concordaram com os termos de um tratado de livre comércio e de associação política, criando tensão entre o Ocidente e a Rússia.

em resposta, deixaram bem claro que, na época, isso era inaceitável. Também deixaram claro que fariam tudo o que fosse possível para evitar que isso ocorresse. Não obstante, a OTAN não cedeu. Além do mais, em maio do mesmo ano, a União Europeia (UE) anunciou que ia haver uma Parceria Oriental, o que significava que a UE, também, se estenderia para o leste, a Ucrânia. Como era de se esperar, em agosto de 2008, houve uma guerra entre a Geórgia e a Rússia, que era em boa parte um resultado da decisão de abril de 2008, de incluir futuramente a Ucrânia e a Geórgia na OTAN. Os georgianos pensavam que a OTAN iria lhes respaldar

e da colocação no seu lugar de autoridades que são pró-americanos ou pró-ocidentais. Claro, a Revolução Laranja tinha tudo a ver com isso. A queda de [Viktor] Yanukovich se resumia na colocação de um líder que seria pró-Ocidente em Kiev.

Então, essa estratégia tríplice — expansão da OTAN, expansão da UE e promoção da democracia — contrariou muito os russos. Assim, tudo chegou ao ponto culminante com o golpe em Kiev em 22 de fevereiro de 2014. Nesse ponto, tínhamos uma crise grave que ainda encaramos e que não mostra sinais de desaparecimento. Qual é a solução para esse problema? Penso



(Evan Vucci, Associated Press)

O Presidente Barack Obama se reúne com o Presidente russo, em Enniskillen, Irlanda do Norte, 17 Jun 13. As relações entre os EUA e a Rússia foram extenuadas, em parte, por políticas ocidentais que recomendam que países como a Ucrânia sejam trazidos ao amparo da OTAN e da União Europeia.

que a única solução possível é voltar para a situação que existia antes de 2008. Caso contrário, não há esperança de se resolver este assunto. O que particularmente necessita ser feito? A Ucrânia precisa ser transformada em um Estado-tampão neutro. O Ocidente tem de reconhecer que não existe como continuar a buscar um conjunto de políticas que são planejadas para fazer com que a Ucrânia seja um bastião ocidental na fronteira russa. Os russos não tolerarão isso e, em vez disso, farão todo o possível para destruir a Ucrânia e evitar que seja parte do Oeste. Isso é o que está acontecendo agora. Putin está basicamente dizendo ao Ocidente que têm duas opções. Ou eles desistem, ou ele trabalhará para destruir a Ucrânia de tal maneira que ela não poderia juntar-se ao Ocidente.

Se vocês querem terminar essa crise, se vocês se importam tanto com o povo ucraniano, e não querem ver o seu país destruído, então é imperativo que nos retiremos e abandonemos a ideia de fazer com que a Ucrânia

seja parte do Oeste. Em vez disso, devemos trabalhar para fazer a Ucrânia um Estado tampão-neutro, como era efetivamente entre 1991 e 2014. Estou falando sobre o retorno ao status quo anterior. Isso significa, claro, que a expansão da OTAN deve ser explicitamente engavetada, e a mesma deve ocorrer com a expansão da UE. Também significa que os Estados Unidos e os seus aliados europeus têm de acabar com a promoção da democracia em Kiev, que visa se apoderar de indivíduos que são pró-ocidentais e antirussos.

Agora, a pergunta é: quão provável é a hipótese do Ocidente virar 180 graus, abandonar sua política atual e adotar uma que planeje a criação do Estado-tampão neutro da Ucrânia? Acredito que é muito improvável que isso ocorra. Penso que há uma variedade de razões por isso. Primeiro, os líderes ocidentais estão tão profundamente investidos na política atual que será muito difícil para eles afastarem-se dela e trabalharem para fazer a Ucrânia neutra. Lembra-se que a expansão

da OTAN na Ucrânia estava no cerne da estratégia do Ocidente desde 2008. Acredito que seria difícil reverter o rumo do navio. Segundo, acho que Putin e os russos em geral já não confiam no Ocidente. Além disso, quaisquer promessas que fizermos serão dificilmente aceitas em Moscou. Acho que as águas têm estado tão profundamente envenenadas em anos recentes que será difícil convencer os russos de que o Ocidente tem boa vontade e quer trabalhar com eles. Terceiro, acredito que vão ocorrer dificuldades na própria OTAN, independentes desta crise. Para começar, os Estados Unidos estão priorizando a Ásia. E, se o Tio Sam muda de rumo para algum lugar, ele tem de se afastar de outro, e onde os Estados Unidos vão fazer isso é na Europa. A China é um concorrente potencial, e levaria apenas uma grande crise na Ásia para os Estados Unidos concentrarem a sua atenção nessa região, como um raio laser. Quando isso ocorrer, os interesses dos EUA na Europa irão diminuir significativamente. Gosto de informar estudantes que, historicamente, os Estados Unidos se importavam muito com três áreas do mundo fora do Hemisfério Ocidental: a Europa, o nordeste da Ásia e o Golfo Pérsico. E, ao longo de toda a nossa história, a Europa tem sido a área mais importante do mundo para nós, fora do Hemisfério Ocidental. Pela primeira vez na nossa história estamos passando por uma transformação fundamental das nossas prioridades estratégicas. A Ásia vai tornar-se a área mais

importante do mundo para os Estados Unidos, o Golfo Pérsico vai ser a segunda e a Europa ficará bastante atrás, ocupando o terceiro lugar.

Então, se a China continuar a ascender, com o tempo nos reorientaremos, e isso significa que reduziremos, por muito, a nossa presença na Europa, e teremos muito menos interesse nessa área do que tem sido ao longo da nossa história. Ao mesmo tempo, se analisarmos o que está acontecendo entre os aliados dos EUA na Europa, parece evidente que não gastam muito dinheiro na defesa, e não parece que vão se juntar para compensar a perda, caso os Estados Unidos se reorientem para a Ásia. Acho que o indicador principal dos problemas à frente é o que está acontecendo na Grã-Bretanha. Os gastos com a defesa estão diminuindo, e, antes do ano 2019, todas as tropas britânicas serão removidas do continente europeu. Isso é um evento de grande importância. Então, o que estou lhe dizendo é que, mesmo se conseguirmos inverter a política ocidental e convencer Putin de que o Oeste tem boas intenções, o futuro da OTAN é incerto, o que significa muitos problemas à frente. Por todas essas razões, tenho certeza de que não podemos voltar ao status quo anterior no Leste Europeu.

O meu ponto principal é que tínhamos uma situação excelente com respeito à segurança europeia antes de 2008. E nós, quer dizer o Ocidente, estragamos tudo. ■

*O Dr. John Mearsheimer é o R. Wendell Harrison Distinguished Service Professor em Ciência Política e o co-Diretor do Programa de Política de Segurança Nacional na University of Chicago. Formado pela Academia Militar dos EUA, em West Point, Nova York, passou cinco anos na Força Aérea dos EUA. É mestre em Relações Internacionais pela University of Southern California e mestre e doutor em Ciência Política pela Cornell University. Publicou cinco livros e muitos artigos sobre assuntos de segurança e política internacional. Além de receber vários prêmios relacionados ao ensino, é um membro eleito da American Academy of Arts and Sciences.*

## Referências

1. John Mearsheimer, "Professor John Mearsheimer: The West Blew It Big Time and Irreversibly Endangered European Security", palestra feita em 2 mar. 2015 no Press Club, em Bruxelas,

na Bélgica, acesso em 18 mar. 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=rKwKW7gDdeg>.